O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR *Francisco Manuel Homem Christo*

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Portugal e Hespanha: anno 1$300; semestre 650. Colonias portuguezas, salvo quando os assignantes mandem pagar directamente, 1$600. Extrangeiro, exceptuando Hespanha, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 2 DE OUTUBRO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal 120 réis a linha. Primeira pagina 1$000 réis. Ultima pagina — pagina d'annuncios — 40 réis a linha. Em qualquer pagina a linha é contada em columna d'annuncio.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Nº 1:380

Fatal Dilemma!

Não sei para que continuam a escrever-me.

Para me *puxarem pela lingua*? Comprehende-se. Para me *refutarem?* São estupidos. O que, aliás, não admira. Eu já estou farto da estupidez da minha terra.

Este, agora, diz-me: «Mas ao menos o senhor D. Manuel demonstra respeito e ternura filial por sua mãe. E' um grande exemplo!»

Ah, sem duvida. Falta Shakspeare, para nos dar o Hamlet II. Ou *Manelsinho I* ou Hamlet II.

Conhece a historia do Hamlet? Eu lh'a conto. Sabem-na muitos dos leitores do *Povo de Aveiro*. Mas outros não a sabem. E no numero d'estes está o correspondente, quero crê-lo.

O *nosso* Alpoim anda sempre a contar historias aos seus leitores, no *nosso Janeiro*. Desde que se metteu a conspirar contra D. Carlos, *deu-se á historia*. Pois sigamos-lhe o exemplo.

Ora eis a historia do Hamlet, como Shakspeare a apresenta.

Hamlet é filho de Horwendill, rei da Jutlandia, e de Gérutha, filha do rei da Dinamarca. Matam-lhe o pae, sem elle saber como. Mas um dia o espectro do pae apparece-lhe e conta-lhe a historia terrivel. Diz-lhe que foi envenenado por seu irmão Claudio, d'accordo com a esposa, e que o assassino lhe roubou ao mesmo tempo a corôa, a mulher e a vida. Pede ao filho que o vingue. Mas recommendando-lhe que poupe Gérutha, sua mãe.

Então Hamlet faz-se doido, para melhor conseguir o seu intento.

Um dia chegam ao palacio uns comicos ambulantes. Hamlet ensaia com elles a scena da morte de seu pae e fa-la representar perante a côrte reunida. A agitação que se apodera de sua mãe e de Claudio tira-lhe as duvidas que no seu espirito ainda podessem existir. Eram elles, realmente, os assassinos.

Desesperado, n'um momento em que se suppõe sósinho com a mãe, invectiva-a vivamente, lançando-lhe em rosto a sua infamia, o seu crime. Mas Polonio, agente de Claudio, está escondido atraz d'um reposteiro, a ouvir. Um movimento do reposteiro denuncia-o. E Hamlet atravessa com a sua espada o imprudente.

Mandam-no para Inglaterra, onde Claudio forja uma conspiração que o livre d'elle. Hamlet evita o perigo, consegue fugir, regressa á côrte e ahi mata o padrasto, o assassino. Embora sempre com horror ao sangue, pois é um principe cavalheiroso e philosopho, nada o demove de vingar a morte de seu pae. Ophelia é filha de Polonio. Elle ama loucamente Ophelia. Mas como Ophelia conta tudo a seu pae, deante da propria Ophelia se faz louco. E mata Polonio, apesar de ser pae de Ophelia. E mata Laertes, o irmão de Ophelia, porque este, combinado com Claudio, o fere com o florete envenenado, traiçoeiramente, para lhe arrancar a vida.

Falta cá Shakspeare, para pôr em scena *o respeito*, o *amor filial* e a vingança d'este novo Hamlet, que diz-se chamar-se D. Manuel II!

Quem sabe? Talvez elle se finja doido, como Hamlet, para mais efficazmente castigar os assassinos de seu pae. E não nos lembrava isso! Querem ver que o sr. D. Manuel, deixando *nomear* deputado o Ribeira Brava, lançando-se nos braços do Alpoim, obedecendo humildemente a sua mãe, imita o Hamlet na loucura?

Ah, que bandidos! Que bandidos! A falarem-me, ainda, no respeito e na ternura filial do rei D. Manuel!

Eu não tenho o menor interesse pessoal em tudo isto. Não favoreço, antes prejudico os meus interesses, prejudiquei-os sempre, tomando a peito estas questões de sentimento. Não ando á procura d'empregos, como o Abundio, nem á procura de réclames, como o ignobil *Lanterneiro* do *Seculo*. O Paço das Necessidades era um dos meus apoios, dizia-se. Dizia-o a prostituição official da rua de S. Roque. E eis como eu conservo *os meus apoios!* E' verdade que ainda me resta um Paço, o dos Navegantes, que me dá dinheiro. Mas em morrendo o José Luciano, que está com os pés para a cova, fico perdido. Quem me ha de comprar, depois de já me ter comprado tanta gente?

Eu, pessoalmente, não ganho nada com isto. Eu, pessoalmente, prejudico sempre os meus interesses. Mas revolta-me esta infamia. Porque, hei de dize-lo até á morte, nunca vi uma baixeza, uma indignidade, uma infamia assim!

Tenho sempre no espirito uma das gravuras de *L'Année Terrible*, de Victor Hugo. Aquella em que a patria, cheia de espanto, e, ao mesmo tempo, de dor, contempla Napoleão III na sua ignominia. Em baixo está o miseravel, de bonet na mão, entregando a espada nas garras aduncas da aguia prussiana. Por cima, n'uma longa estrada sinuosa que vem desde a noite da historia, desenrolam-se as figuras homericas da França gloriosa. E' Brennus, é Clovis, é Carlos Martel, é Carlos Magno, é Vercingétorix, é Joanna d'Arc, é Condé, Villars, Turenne, são as figuras heroicas das batalhas, é tudo quanto representa a honra, a heroicidade, a gloria d'uma raça. Uns curvam a fronte, humilhados. Outros cerram os punhos, colericos. Outros olham, deixando ver no olhar a vergonha e o assombro. Outros abraçam-se, chorando. Vercingétorix, lá no alto, ergue a espada, furibundo. E Napoleão I, em baixo, a cavallo, ergue o braço, estende-o n'um gesto de dôr e maldição, e com elle, baixando a cabeça, tapa o rosto.

Assim deve ser com as glorias e os grandes homens d'esta raça. Portugal tem vergonhas na sua historia, como as tem a França. E tem grandes figuras e grandes glorias, como ella. As vergonhas são menores. E as glorias são maiores. Que indignação, que vergonha, que espanto, se tudo isso nos visse ou resuscitasse!

A França cahia, mas, ao menos, cahia no campo da batalha. Sobre Napoleão III ficou uma ignominia eterna, não por ser vencido, mas pela maneira porque se entregou. O que a França nunca lhe perdoou, o que não lhe perdôa, o que lhe não pode, e com razão, perdoar, é que elle não morresse, resgatando o seu erro, á frente dos soldados. Que havemos de dizer, nós, que cahimos sem combate, não n'um campo como Sédan, mas n'um charco, e que temos um rei que se entrega, não a Guilherme I nem a Bismarck, mas ao Margarido e ao Affonso Costa?

Nós não temos comparação com povo nenhum, nem com nós mesmos em outros periodos da nossa historia.

A França poderia não se ter levantado de Sédan, que era uma queda justificada. A França perdia duas provincias. A França era obrigada a uma indemnisação enorme. A França, com o seu sangue e o seu thesouro já exgottados por setenta annos de revoluções, de luctas civis, de batalhas! Mas nós?

Eu não quero admittir essa idéa, eu fujo d'ella, eu repillo-a, eu combato, foi sempre a minha divisa, como se ella não me tivesse, jámais, acudido á mente: mas isto parece, verdadeiramente, o fim d'uma raça!

Alguem nos escreve:

Quando se tratou do casamento de Affonso XII com Mercedes d'Orleans, tão mal recebido pela Hespanha que deu logar aos debates parlamentares em que tão notavel se tornou Emilio Castelar com os seus vigorosos discursos condemnando o regio enlace, reproduziram as gazetas d'alem e d'aquem fronteiras o celebre conceito da rainha-mãe Izabel — apreciando a escolha do filho: «Conheço bem esta raça dos Orléans. Mercedes, que sem duvida é encantadora e por ora será um anjo, em se apanhando rainha ha de fatalmente conspirar. Tarde ou cedo. Seja a favor do irmão contra o marido, seja a favor dos filhos, se os tiver, seja na lucta dos partidos. Mas ha de conspirar, necessariamente, obedecendo ao fatalismo da sua raça.»

Castelar disse em um dos seus discursos:

«Não venho discutir a princeza, que os anjos não se discutem. Venho discutir, definir, a raça de que ella provem. Venho dizer que o Montpensier passará a governar a Hespanha para a atraiçoar, como atraiçoara a monarchia da cunhada que o cumulou de beneficios, como Luiz XVI cumulára o «Égalité», que lhe votou o patibulo.»

Quando esta mulher fatidica, Amelia d'Orléans, entrou em Portugal, o hymno com que a deviam receber era o «Deprofundis» das instituições, ou seja da nossa independencia. Ei-la, «cedo ou tarde», conspirando contra o marido, conspirando a favor do clero, conspirando contra ou a favor de qualquer coisa, comtanto que conspirasse, obedecendo fatalmente ao sangue que lhe gira nas veias.

O meu coração, que a repelliu, como repellida foi pelo instincto popular, ainda me segreda que D. Carlos não teria sido immolado se outra esposa tivesse escolhido.

O nosso rei, tão portuguez, tão nosso! Para ficarmos sob o dominio da Orléans, vendo triumphar a republica, que importará a perda da nossa nacionalidade!»

Aqui ha grandes verdades. O espirito dominador, intriguista, conspirador, e, ao mesmo tempo, mediocre, da raça d'Orléans, e a falta de nobreza, revivem, de facto, n'essa mulher. E a falta de nobreza! Porque não ha acto menos nobre que pactuar com os assassinos do marido e do filho, que repudiar convicções religiosas, que tragar humilhações de toda a ordem, só para conservar o poder mais umas horas! Ainda que fosse para o consolidar. Quanto mais para o manter... só por umas horas!

Ella é Orleans, e o filho, tão piedoso e respeitoso junto da mãe, e tão desprezador e affrontoso junto do pae... não é nada.

E', ao menos, alguma coisa a nação? Ao menos é como quem diz: no meio d'esta desgraça a que chegámos?

Porque isto é uma grande, uma enormissima desgraça.

Terá ella forças de resistencia? Elementos de salvação?

Vamos vê-lo. E' agora que se vae definir, d'uma vez para sempre, o valor da nossa raça.

Quando se deu a ultima crise ministerial, escrevi aqui: «E' agora que se vae vêr se o rei é um homem ou se não é. E' agora que vae acabar a incerteza.» E assim foi. Já ninguem tem duvidas. O rei, forçado a revelar-se, revelou-se. O rei não presta.

Da mesma fórma, hoje digo: «E' agora que se vae vêr se este povo tem ou não tem condições de capacidade e reacção que o salvem, tornando-o um povo livre.»

Para isso é preciso vêr bem, nitidamente, lucidamente, n'este cahos em que vivemos. Ora não tenhamos illusões: a monarchia está perdida. O rei salvava-a, pelo menos por algum tempo, se fosse um homem. Este proprio cahos, esta propria desordem, esta mesma anarchia, tremendissima anarchia, que está aborrecendo, cançando, irritando todo o mundo, lhe dava força, se elle tivesse envergadura. Eu não quero alviçaras. Mas, com uma palavra, uma só palavra, defini-o. E' Sua Majestade El-Rei *D. Manelsinho I.*

Não tem. Elle tem lá envergadura! E, não a tendo, todas as soluções que se procuram são impossiveis, dentro da monarchia.

Fala-se em dictadura. Mas com quem? Resuscitam o D. Carlos? Hão de trazer dentro do bolso este rico Manelsinho? N'uma caixinha? Assim que elle deitasse a cabecinha fóra do bolso, ou assim que abrissem a caixa para lhe dar ar, estava tudo perdido.

Abdicações? Mas em quem? No D. Affonso? Fala-se em toda a gente, menos n'elle. Tanto é um acto de convicção geral indiscutivel a incapacidade de D. Affonso para o alto papel de chefe do Estado.

No D. Miguel? E os filhos?

Nos Hohenzollern, procurando a descendencia das infantas portuguezas? Impossivel.

Vamos então cahir nos braços d'essa formidavel quadrilha que para ahi se denomina partido republicano portuguez, tão cheia de immoralidades, de ambições, de imbecilidades, de torpezas, que ainda não estão no poder e já o maior dever civico n'esta terra é combate-los? Mas é fatal. A não ser que se constituisse, *desde já*, um forte partido republicano conservador. Tem tacto, patriotismo, abnegação para isso o clero, o exercito, todas as classes conservadoras do paiz? Se teem, ha esperanças. Se não teem, está tudo perdido.

A republica, de qualquer fórma, é uma aventura. Não ha nega-lo. Nem a situação interna, nem a situação externa, são para embarcar, sem graves apprehensões, n'essa aventura. Não ha nega-lo. Patrioticamente e, até, democraticamente, convinha demorar a proclamação da republica. Mas se não é possivel?

Tentem. Casem o rei. Afastem a rainha. Não é possivel!

Continuaremos n'este dilemma: d'um lado a rainha e o Cricas. Estas duas creaturas nasceram uma para a outra. Procuravam-se desde que nasceram. Vêrem-se e amalgamarem-se foi obra de um minuto. Attrahiram-se, como iman. Ninguem os separa. E' até ao dia do Juizo.

D'um lado, a rainha e o Cricas. Do outro lado, Affonso Costa, Alpoim, Teixeira de Sousa. Nebulosas que se juntaram e que ficam, tambem, para sempre. Em volta, os satellites, os appendices, os Margaridos. Por mais que esgaravatem os pulhas de bem, d'aqui não sahimos. A não ser que se forme uma corrente partida d'origem bem differente.

Forma-se? E cria força? A salvação é possivel.

Não se forma? Então, está irremediavelmente tudo perdido.

Tudo perdido!

E o tempo dirá o valor d'esta prophecia.

Uma mãe sem coração

Sob este pomposo titulo, e o *estimulante* sub-titulo — *os vizinhos revoltam-se por metter uma filha no Bom Pastor*, escreve o orgão da postituição nacional.

Desde a passada segunda-feira que anda alvoroçada toda a rua de S. Jeronymo, em Alcantara — o mais liberal e republicano bairro de Lisboa. O motivo da exaltação popular que por alli lavra é, na verdade, de natureza a provocar a indignação de todas as pessoas que o conheçam. Uma mulher alli residente, a sr.ª Rosinda Maria Baptista, que já forçou a fugir-lhe de casa, pelos maus tratos que lhe dava, uma filha de 20 annos, foi, na segunda-feira, internar no Bom Pastor uma pequena de 15 annos que, pelas suas excellentes qualidades, era estimadissima na visinhança.

Como houvesse suspeitas de que preparava por aquelle modo a desgraça da pobre rapariga, algumas visinhas perguntaram-lhe para onde a levara. Respondeu primeiro que a faria entrar n'uma casa de correcção, e perante os protestos indignados de todos os que a conheciam e podiam attestar o seu bom comportamento, disse depois que estivera a brincar e que a pequena, de nome Feliciana, ia servir para uma casa na Baixa. Afinal, veio a saber-se, mais tarde, que a entregara ás irmãsinhas do Bom Pastor, por interferencia de uma capellista beata da rua Direita de Alcantara, uma sr.ª D. Lucinda, que passa os dias a pedir ás freguezas que se confessem para merecerem as bençãos do ceu.

O caso provocou, na rua de S. Jeronymo, uma pequena revolução. Todos os vizinhos exprobaram energicamente o procedimento da desnaturada mãe, que tendo já feito a desgraça de uma filha, a Maria do Nascimento, que, ha tempo, fugida aos maus tratos, foi viver para a companhia de um namorado, agora vae por suas mãos, perder outra, entregando-a ao jesuitismo.

Entre as vizinhas mais indignadas contavam-se as sr.as Benedicta da Conceição Correia, a cabeça do motim e organisadora do protesto, residente na rua de S. Jeronymo, 57, Romana da Conceição, Alzira de Sousa, Ignez de Oliveira, Margarida Mamede, Albina de Jesus, Anna da Silva, todas moradoras na rua de S. Jeronymo, e Maria Rosa Rodrigues, residente na travessa do Sebeiro, 11, algumas das quaes chegaram a ameaçar a Rosinda de lhe bater se sahisse á rua.

Por este motivo ella não foi hontem para a feira de Agosto, como de costume, vender bolos e capilé.»

Muito bem feito, senhora Rosinda, muito bem feito. Apanhou para seu tabaco? Pois muito bem feito. Porque não levou vocemecê a sua filha a casa da senhora Margarida das Flores?

Sabe quem é a senhora Margarida das Flores?

Se não sabe, pergunte á senhora Benedicta, á sua vizinha, que essa conhece-a muito bem. Ora levasse-a lá vocemecê e veria como teria os applausos da sua *liberalissima* e *republicanissima* vizinhança. E a protecção do Carlos Trilho e do França Borges. Então vocemecê não sabia que estes cavalheiros são interessados no negocio da senhora Margarida das Flores e que os illustres redemptores *não apanham nada* do Bom Pastor?

Vocemecê ainda tem outra filha? Ora então se quer ser acclamada, em vez de batida, pela sua *liberalissima* e *republicanissima* vizinhança, merecer a proteção de todos os *redemptores* e vender em paz os seus bolos e capilés, faça isto: leve a menina ao Registo Civil. Lá encontrará a illustre professora, sr.ª Alice Ribeiro, que a *matricula*. E, depois, entregue-a no collegio da sr.ª Margarida das Flores. Ou passe pelo *Mundo* e deixe-a ficar ao sr. França Borges, ao sr. Carlos Trilho, mesmo ao sr. Affonso Costa ou ao sr. Borracho, que fica bem entregue. Elles lhe darão *destino*.

E continua a haver gente que se espante de nós pedirnos systematicamente fuzilamento para estes bandidos!

E para as sr.as vizinhas, as liberaleiras e republiqueiras da rua de S. Jeronymo, que bom chicote!

Que bom chicote! Que bom chicote!

Ordenança Republicana

Abotoar... casacos!

Sob o titulo campanudo **Dr. Arthur Leitão,** lê-se na *Nova Corneta do Diabo:*

«E' esperado em Lisboa o nosso presado amigo e correligionario, sr. dr. Arthur Leitão, director da "Republica„, que, vindo de Salamanca, chegou ante-hontem á Figueira da Foz. Arthur Leitão foi o jornalista portuguez que, nos ultimos tempos, soffreu os mais duros resultados da lei de imprensa. Foi, com o seu jornal, victima da mais acintosa perseguição da Boa Hora. Ha, talvez um anno, que teve de exilar-se, sacrificando a sua liberdade e os seus interesses, sacrificando a sua vida, para não entrar na cadeia onde ainda não entrou um só dos "prediaes„ Congratulamo-nos por que uma tardia amnistia poz termo ao seu longo e injusto captiveiro.„

Abotoar... casacos!

Em tres tempos.

No primeiro a mão esquerda e a mão direita correm a unir e sobrepor as duas bandas do casaco. No segundo, a mão direita abotoa rapidamente, emquanto a mão esquerda agarra fortemente a carteira pelo lado de fóra do casaco. No terceiro, a mão direita desce ao bolso e empunha um rewolver.

Depois... dr. Arthur Leitão póde passar.

Publica-se hoje o 7.º numero do Supplemento Litterario do POVO DE AVEIRO, distribuido gratuitamente aos assignantes de este jornal.

Continua os estudos encetados sobre «alcoolismo», sobre a obra publicada por Poinsard sobre a situação de Portugal, e sobre outros assumptos sociaes.

Agora é que vae

Já estava composta a nossa local sobre a revolta *anti-jesuitica* da rua de S. Jeronymo, quando o *Cornetim da Margarida* voltou a dizer:

Sobre o caso que ante-hontem noticiámos temos hoje a accrescentar curiosos pormenores. A sr.ª Benedicta da Conceição Correia e o destemido grupo de vizinhas indignadas que capitaneava conseguiram já o seu *desideratum*, arrancando das garras do jesuitismo uma pobre creança, que uma mãe criminosa quizera entregar-lhe. A pequena da rua de S. Jeronymo, depois de passar um dia e duas noites no Bom Pastor, regressou hontem ao bairro de Alcantara, que desde a sua ida para ali tem estado n'um permanente alvoroço. As moradoras da rua de S. Jeronymo, que geralmente conhecem e estimam a infeliz Feliciana Baptista, reuniram-se todas em numero superior a cincoenta e foram procurar o pae ás obras do porto de Lisboa, onde se emprega, intimando-o a ir buscar a filha ao recolhimento sob pena de não mais o deixarem socegar. O homem respondeu que nada sabia sobre o caso, dizendo que a mulher lhe garantira que a pequena estava a servir n'uma casa, mas prometteu ir buscá-la ao Bom Pastor, caso tivesse para lá entrado. Effectivamente a rapariguita appareceu hontem enchendo de alegria todas as amigas. Foi busca-la a irmã que ha tempos fugiu de casa e a vizinhança parece disposta a não permittir que a mãe ponha em pratica segunda tentativa. A rua de S. Jeronymo está em estado de sitio, por isso. Só junto da porta da sr.ª Benedicta Correia, que tem desenvolvido uma energia e actividade prodigiosas a revolucionar o bairro contra o jesuitismo, estão 5 policias, que lhe vigiam todos os passos e ameaçam fazer prisões ao menor protesto. A proposito da referencia que fizemos a uma capellista da rua Direita de Alcantara, escrevem-nos dizendo que o caso se passou na Tabacaria Meira.

Ora agora é que vae.

Foi busca-la a irmã, *que ha tempos fugiu de casa para ir viver com o namorado!* Agora é que vae.

Senhora Benedicta da Conceição Correia, excelsa *campeona* do livre pensamento, não se esqueça de ir ao Registo Civil matricular a pequena. Lá encontra a ex.ma senhora D. Alice Ribeiro, que lh'a matricúla com muito prazer. E, depois, o dicto, dicto. Para o collegio da senhora Margarida das Flores. Ou, então, deposite-a na Rua de S. Roque. Não se esqueça.

Mas que sucia!

Já não ha palavras para esta sucia.

O Affonso Costa, alem de ladrão, é um pulha e um devasso de primeira linha. Passa a vida em tabernas, em lupanares, em bacchanaes porcas, em orgias infames. Não ha rapariga que lhe cáia em casa que não sáia de lá *mordida*. Isto é um facto *absolutamente authentico*.

O Margarido é outro pulha. O pulha que se sabe. Não falando já na sua ignobil vida de *maquereau*, é um miseravel que não tem pejo de andar por Lisboa publicamente de braço dado com uma antiga meretriz, a quem entregou a educação do proprio filho. Um homem casado e ... *redemptor!*

O Carlos Trilho é outro *maquereau* indecentissimo.

O Luiz Derouet é o que mamou os bezugos do padre Farinha.

O Borracho é o sujo *tombador* que mette nojo a toda a gente.

Emfim, em cem redemptores não se encontra meia duzia de *homens limpos*. Não digo já honestos. Tão ladrão é o que vae á vinha como o que fica ao portal. Meia duzia de *homens limpos*. Pois são esses os pulhas que todos os dias falam nas *devassidões* dos padres e nas *immoralidades* dos conventos.

Eu ainda tenho esperança de ver estes ladrões n'um pelourinho!

Porque triumpha a republica?

Não falta quem attribua aos erros e aos crimes dos monarchicos as conquistas feitas no paiz pelos republicanos. Como, se os erros e os crimes, sobretudo os crimes dos republicanos, são muitissimo maiores que os erros e os crimes dos monarchicos?

Isso é desconhecer inteiramente a psychologia das multidões, tão bem estudada por Gustavo Le Bon, Cabanès, Sighele, Fouillée, Tarde e outros.

Les foules sont folles, escreveu Tarde, e muito bem. Já n'outro dia aqui citámos essa phrase magnifica. *Les foules sont folles!*

La foule est femme, escreveu ainda o mesmo auctor no seu já citado livro *L'Opinion et la Foule*.

La foule est femme! E' muito bem achado. Quer dizer é *hysterica*, deixando-se suggestionar com extrema facilidade e com extrema facilidade passando do furor á ternura, do amor ao odio, da exasperação á gargalhada.

Como loucas, como hystericas, não é a razão que as dirige. E' a suggestão e a peor suggestão.

Ce ne sont pas seulement **les pires meneurs** *qui risquent d'être choisis ou subis par les multitudes,* **ce sont encore les pires suggestions,** *parmi toutes celles qui émanent d'eux. Pourquoi? Parce que, d'une part, les émotions ou les idées les plus contagieuses sont naturellement les plus intenses, comme ce sont les plus grosses cloches, non les mieux timbrées ni les plus justes, dont le son va le plus loin; et que, d'autre part, les idées les plus intenses sont les plus étroites ou les plus fausses, celles qui frappent les sens, non l'esprit, et les émotions les plus intenses sont les plus égoistes. Voilà pourquoi, dans une foule, il est plus facile de propager une image puérile qu'une abstraction vraie, une comparaison qu'une raison, la foi en un homme que la renonciation à un préjugé; et pourquoi le plaisir de dénigrer étant plus vif que le plaisir d'admirer, et le sentiment de la conservation plus fort que le sentiment du devoir, les huées s'y répandent plus facilement encore que les bravos, et les accès de panique y sont plus fréquents que les élans de bravoure.*

Ora eis ahi. Eis ahi tudo explicado. Eis ahi porque, sendo os republicanos mais criminosos e mais pulhas que os monarchicos, a multidão não vê a pulhice nem o crime dos republicanos e vê a pulhice e o crime dos monarchicos.

O que mata a monarchia não é o crime dos monarchicos. *E' a falta de canalha.*

A monarchia tem *pouca canalha*. A republica tem *muitissima canalha*.

A monarchia não tem *meneurs*. A republica está cheia de *meneurs* e dos peores *meneurs*.

Foi já o que faltou a João Franco. Dissemo-lo muitas vezes. João Franco não tinha jornalistas. Faltaram-lhe os jornalistas. Isto é, não tinha *meneurs*, não tinha canalha.

N'isso, como em muitas outras coisas, demonstrou João Franco que não era um verdadeiro homem d'Estado. Porque é uma coisa interessante, que demonstra a falta absoluta de espirito observador nos portuguezes: João Franco não é falado nem cantado senão como dictador, quando João Franco demonstrou pessimas qualidades de dictador e admiraveis qualidades de parlamentar. João Franco foi insigne, mesmo notavel na primeira phase do seu *consulado*. Ahi, sim, quando elle se batia nas camaras contra todos. Ahi, sim. Foi detestavel na segunda, isto é, quando o homem d'acção teve de se substituir ao homem parlamentar.

Canalha, canalha! Jornalistas! *Meneurs*! Era a primeira coisa que João Franco devia ter *arranjado*. João Franco quiz ser *absolutamente honesto*. Pessimo homem d'Estado! Isso não se chama honestidade. Chama-se o *preconceito da honestidade*. João Franco teve o preconceito da honestidade, como teve o preconceito da valentia. Elle, como todos: cheio de preconceitos. Elle, como todos: com notaveis faculdades intellectuaes, mas intelligencias incompletas. Muito incompletas.

Entre ser ladrão ou deshonesto e ter a *estreiteza da honestidade*, ha differença. Teixeira de Souza a fazer-se, como ministro, administrador das alfandegas, ou governador do Banco Ultramarino, é malandro. Não ha duvida nenhuma. Mas João Franco a hesitar em lançar mão de expedientes indispensaveis, sobretudo em momentos de crise, *a todos os homens d'Estado*, era *menos que honesto*. Era *insufficiente*. Tinha o *preconceito da honestidade*.

Canalha, canalha! Jornalistas! *Meneurs!* Eis a fraqueza da monarchia. Eis a força da republica.

Todos os psychologos modernos teem descripto a força dos *meneurs*.

Il y a, d'ailleurs, escreve Tarde, *des foules criminelles — nées et non devenues telles par accident, des foules aussi criminelles que les* **meneurs** *qu'elles ont choisis parce qu'ils leur ressemblaient: ce sont les foules composées de malfaiteurs qu'une affinité secrète a groupés ensemble et dont la perversité s'est exaltée par ce groupement.*

São as *foules* do club Antonio José d'Almeida. São as *foules* do «Pechuga» e do «Petiz das gravatas». São as *foules* d'onde sahiu o Buissa, pelos seus antecedentes manifesto *criminoso nato*, e os assassinos de Cascaes. São as *foules* que escolhem como *meneurs*, porque se lhes *assemelham*, os Trilhos, os Franças, os Arthures Leitões, os Paduas Correias, isto é, *escrocs*, cavalheiros d'industria, rufiões, malandros, como ellas.

Malandros! Malandros! Tudo malandros! Todos malandros!

Porque ao lado das *foules* criminosas natas, ha as *foules* criminosas *par accident*. Ao lado dos *meneurs*, instinctivamente pulhas, ha os *meneurs* que, por fascinação, se fazem pulhas.

Le danger des démocraties nouvelles, c'est la difficulté croissante, pour les hommes de pensée d'échapper à l'obession de l'agitation fascinatrice. Il est malaisé de descendre en cloche à plongeur dans une mer très agitée.

Le meneur! Eis a força da republica. Eis a fraqueza da monarchia.

Le meneur! Eis o que cria adeptos, o que faz conquistas, o que alarga a propaganda. Não são os erros e os crimes dos monarchicos.

O *meneur* violento, mentiroso, canalha.

Quanto mais mentir, quanto mais calumniar, quanto mais injuriar, quanto mais enredar, maior successo, porque mais se approxima do estado grossciro das multidões.

O *meneur!* Está cheia d'elles a republica. Não tem nenhum a monarchia. Eis porque vinga a republica! Eis porque morre a monarchia!

Entre o *meneur* e as multidões exerce-se sempre uma acção de *concubinato*. As multidões em Portugal *amancebaram-se* com o *meneur* republicano.

Gare au ménage où il n'y a ni meneur ni mené: le divorce n'y est pas loin. *Un savant italien, M. Sighele, a consacré un volume à démontrer que, dans toute association à deux, conjugale, amoureuse, amicale, criminelle, il y a toujours un associé que suggestionne l'autre et le frappe à son empreinte. Et il est bon que cette démonstration ait été faite, si superflue qu'elle puisse paraitre. Cela est trés certain;* **gare au ménage où il n'y a ni meneur ni mené: le divorce n'y est pas loin.** *Dans tous les couples, quels qu'ils soient, se retrouve, plus ou moins apparente ou effacée, la distinction du «suggestionneur» et du «suggestionné», dont on a tant abusé du rest. Mais, à mesure que l'association s'accroit par l'adjontion de néophytes successifs, cette distinction ne cesse pas de se produire: ce pluriel, au fond, n'est jamais qu'un grand duel, et, si nombreuse que soit une corporation ou une foule, elle est une sorte de couple aussi, où tantôt chacun est suggestionné par l'ensemble de tous les autres, suggestionneur collectif, y compris le meneur dominant, tantôt le groupe entier par celui-ci.»*

Concubinagem e suggestão mutuas! E' tal e qual. Ha um suggestionador mais activo que o outro. Mas, no fundo, a suggestão é mutua. E assim se explica que homens de certo valor pessoal se tornassem, entre nós, cumplices das ultimas porcarias republicanas.

As relações entre *le meneur* e *la foule* e o valor moral e intellectual do *meneur* explicam-se muito bem em Portugal. Bestialisadas as multidões portuguezas, n'um estado quasi perfeito d'animalidade, brutaes, com instinctos selvagens, desmoralisadas, só era compativel com ellas um individuo sem senso moral, sem valor intellectual, ou sem senso moral e valor intellectual ao mesmo tempo. Um Padua Correia, um Arthur Leitão, um Cunha e Costa, um Affonso Costa ou um Maduro, um Trinta, um Margarido, que são, estes, a verdadeira estupidez junta á verdadeira infamia.

Ratazanas de cloaca. Baixos, com todas as manifestações do crime nato ou do crime accidental, só o *meneur* pulha, criminoso, infame e imbecil, estaria á altura moral e intellectual da plebe portugueza. E' um facto de rigorosa observação scientifica.

Estabelecida a corrente entre *meneurs* e *foules*, o *meneur* alternativamente suggestionador e suggestionado, arrastado pela conveniencia da popularidade, é evidente que os *mais limpos*, como Antonio José d'Almeida, Brito Camacho, João de Menezes, haviam de descer, haviam de prostituir-se, haviam de se tornar *pulhas* como as multidões e como os outros *meneurs*, ficando para os distinguir apenas a designação de *pulhas de bem*, já creada e consagrada.

E eis tudo scientificamente explicado. E lucidamente explicado. Não ha mais logar para confusões.

A grande corrente da immoralidade não está já na monarchia. Está na republica, embora a republica não esteja ainda no poder. Está já na republica. Deslocou-se da monarchia para a republica. E era fatal desde que desappareceu o espirito de seita monarchica para ser substituido pelo espirito de seita republicana. Onde estiver esse espirito de seita é que está a immoralidade e o crime. Sobretudo no periodo agudo, que é, precisamente, o caso nacional n'este momento.

E' o espirito de seita republicana que substancía a immoralidade das multidões, dando o triumpho á republica e a morte á monarchia. A seita propaga-se. As conquistas republicanas succedem-se. E' a lei psychologica, invariavel e fatal, que rege as correntes suggestivas.

Isto só tem um lado interessante. E' o estudo da raça. Que o observador olhe bem. As leis que regem o desenvolvimento da idéa revolucionaria em Portugal são as mesmas que regem o desenvolvimento da ideia revolucionaria em qualquer paiz do mundo. Emfim, onde *ha homens*. Só varia a *modalidade*. Ora a differença que existe entre o incorruptivel mas fanatico Robespierre, entre o austero mas fero e intransigente Marat, entre o elegante mas puro Camillo Desmoulins, entre o proprio Santerre, tão cheio de virtudes, embora, como todos, tão calumniado, e o cynico ladrão e devasso Affonso Costa, e o bebedo devasso e gatuno Alexandre Braga, e a besta quadrada, o rufião do Margarido, e o repugnante pulha do Borracho, entre todas as figuras da revolução franceza, cheios de defeitos mas sem que um d'elles, um só d'elles empannasse o seu fundo admiravel de honestidade e de sinceridade, pelo contrario, o maior dos seus defeitos, a sua intransigencia atroz, ainda é um documento a favor do seu caracter, a differença entre todas essas figuras e entre *todas* as figuras da revolução que se está operando em Portugal, ou bestialmente egoistas, ou brutalmente ambiciosas, ou grosseiramente criminosas, ou de uma transigencia tão accommodaticia, tão facil, que é a mais assignalada manifestação da falta de caracter, estas figuras sem reacção moral e sem nenhum horizonte intellectual, é, precisamente, a differença que caracterisa as duas raças.

Nós temos virtudes. Mas não temos iniciativa, força de reacção e de resistencia, vista larga, intransigencia honesta, mesmo quando individualmente não somos depravados, e caracterisamo-nos, no intellectual e no moral, por uma grosseria a toda a prova.

O estudo d'essa vergonha, d'essa aviltante vergonha que se chama o partido republicano portuguez, só tem, psychologicamente, esse lado interessante: o estudo da raça.

Sem isso, teriamos de desviar os olhos de cima d'elle como quem os desvia de cima d'uma cloaca.

Oh da guarda!...

Mal sabiamos nós, ao escrevermos a local sobre o insigne Arthur Leitão que vae em 1.ª pagina, que o malandro tinha descoberto um novo processo de roubar.

Oh da guarda! Oh da guarda!

Já não serve o recurso d'empunhar o rewolver e abotoar o casaco. Julgavamos o malandro mais honrado!

Oh da guarda! Oh da guarda!

Nós tinhamos visto esse malandro roubar carteiras muita vez. Sabiamos que não parava com elle nenhuma caixa das almas. Não ignoravamos — e já o referimos no *Povo de Aveiro*, ha dois annos — que até as camisas bordadas com que as devotas presenteavam a Virgem lhe serviam. Mas o que não conheciamos era o novo processo de roubar que o grande miseravel vae agora pôr em pratica!

O bandido annuncia que nos vae levar aos tribunaes! Por lhe chamarmos ladrão! Oh, que cynico tratante!

Aquillo é simplesmente para vêr se apanha os baguitos da indemnisação. Oh, que cynico tratante!

Descoberto nas artes de roubar carteiras, e em todas as outras que tem posto em pratica, inutilisado por esse lado como gatuno, grilheta batido, corrido, escorraçado, *souteneur* arrebentado, de que o *escroc* se havia de lembrar! E' completo. E' preciso render homenagem ao genio ladro do grandissimo desavergonhado.

E' completo!

Mas... não apanhas nada. Bandido, que não apanhas nada!

Se não tivesses feito bancarrota de valentia, como de tudo o mais, ainda te poderias impôr, bandido, pelos teus arrotos de valentaço. Porem, nem isso te resta!

Nem isso te resta, miseravel!

Foi-se, n'aquelle dia em que clamavas, arrogante, que se te dirigissemos *mais uma palavra*, nos castigavas com o *bico da bota*. Não te dirigimos mais uma palavra. Fustigámos-te, ahi em Lisboa, com um cento d'ellas, essa cara estanhada. E até hoje. Era uma vez Leitão que comia figados de leão!

Foi-se n'aquelle dia em que o general Silva te procurou com um chicote, para responderes a essa suprema affronta com... explicações!

Poltrão! Nada te resta, poltrão!

Temos imputação para nos vires arrancar ao bolso — suppõe elle — *com a lei de João Franco*, os baguitos da indemnisação. Mas não a temos para vires cá com um chicote!

Enganas tanto ahi o mundo, poltrão, como quando finges, chamando-nos aos tribunaes, convence-lo da tua... honestidade!

Poltrão! Poltrão!

Cavalheiro d'industria, gatuno, escroc, rufião e poltrão.

Nada te falta e nada... te resta!

QUE SERIA?

Correu ha dias em Lisboa a noticia de que vindo de Cintra a 80 kilometros á hora, chegara ao Hospital de S. José um rico automovel muito conhecido por essas ruas da capital, do qual se apeou bastante afflicto uma personagem tambem muito conhecida e muito alta.

Essa personagem pediu com urgencia um medico para lhe fazer a lavagem do estomago, ao que parece muito agoniado.

Fora o caso de uma chavena de café bebida em um dos altos castellos da formosa estancia cantada por Lord Byron, a que o conhecido e inconfundivel personagem attribuia todo o seu mal estar.

A tal respeito rosnam-se boatos pessimistas por se dizer que o possuidor do afflicto estomago está longe de ser *persona* grata no alludido castello.

Por certo tudo invenções...

J. C.

Cala a bocca, pulha!

O *souteneur* asqueroso, a besta impudica que se declara jornalista, o Palma Cavallão Junior, emfim, eserevendo *indignado* contra um jornal catholico que o accusou de andar a mendigar a amnistia, tem a desvergonha de dizer:

A amnistia tinha de ser assignada pelo rei, e um artigo que publicou na *Espana Nueva* não podia ser mais desagradavel para a familia real, embora fosse profundamente justo e verdadeiro. E é evidente que, se o nosso collega contasse com a amnistia, não se exilava: affiançava-se e esperava. Exilou-se porque esperava a cadeia. A amnistia era um dever de honra do governo, cujo chefe a annunciou por meio do *Matin*. Entendiamos que, sobretudo por causa das associações secretas, ella devia ser objecto de uma campanha do Partido Republicano. Essa campanha não se fez no *Mundo*, porque o seu director não queria que se julgasse que elle defendia os seus interesses gravemente feridos por ter denunciado e atacado os gatunos do Credito Predial — e só por isso — visto que não injuriou de facto o rei por quem não tem odio.

O pulha, o grande pulha! Como se toda a gente não tivesse visto a campanha, a indecentissima campanha, que a sua porca gazeta fez a favor da amnistia!

Grande pulha!

O Talisman

Anda muita gente intrigada com o poder do illustre Beldroegas de Alpoim na situação actual da politica portugueza, e até tenho visto já perguntar em lettra redonda, que talisman possuirá elle para disfructar o alto logar de arbitro supremo da mesma politica.

Quem assim fala e escreve não se lembra com certeza do que o *Povo de Aveiro* aqui ha tempos referia sobre umas cartas que o grande homem possue, referentes á celebre revolta dos marinheiros e nas quaes uma elevadissima personagem se mostra associada para a deposição do rei D. Carlos.

E' d'ahi e de ameaçar constantemente os altos poderes com a republica que elle é *quien todo lo manda*.

Desgraças que succedem.

Triste paiz!

J. C.

Bandalhos!

O latrinario França Borges, o rufião ignobil, volta a escrever sobre o caso do padre Emiliano e diz:

«*A proposito do escandalo provocado pelo padre Emiliano, do hospital de S. José, na enfermaria de Santa Isabel, precisamos acentuar, visto o reverendo arreganhar o dente, que estamos informados de fonte segura que elle tentava suggestionar as doentes, que beijou uma, como dissémos, e que é useiro e veseiro em proezas d'esta especie. Mais podemos acrescentar que o dr. Esteves da Fonseca, director da enfermaria, informado do occorrido pelo medico assistente, sr. dr. Pinto de Magalhães, avisou particularmente o sr. Curry Cabral do que se passava, para evitar o escandalo da publicidade official. Esta informação, que nos é garantida por pessoa de toda a idoneidade, comquanto não conseguissemos obter a confirmação della ao dr. Esteves da Fonseca, que se manteve na maior reserva, deixa n'uma situação pouco simpatica o sr. enfermeiro-mór, que, sabendo de um caso d'aquella natureza, não tomou ainda quaesquer providencias, apesar de todas as suas furias de moralidade. Chega-lhe padre Emiliano, que tens bom padrinho!*»

Ora quem tem sido victima das calumnias d'esse *Cornetim* nojento, que o dinheiro da Margarida alimentou, sabe o credito que merecem as affirmações d'aquelles repugnantes lacraus.

A toda a hora aquelles miseraveis mentem com um descaro sem egual. Todos os dias inventam as maiores infamias. Adrede inventadas. Depois, quem tem auctoridade na enfermaria de Santa Izabel para falar em immoralidade? Quem é? E' a enfermeira, a senhora Luiza da Natividade Testa? E' o medico Esteves da Fonseca?

Contam-nos coisas monstruosas occorridas n'essa enfermaria, e, já que o porquissimo orgão da prostituição nacional veio a publico com o supposto caso do padre Emiliano, é preciso averiguar-se, a sério, o que se passou. Muito a sério. Pela nossa parte, não deixaremos de pugnar por um inquerito.

Querem luz? Pois venha luz. E que fique tudo *bem illuminado*.

Não ha duvida nenhuma, para ninguem, nem para os proprios republicanos, que o *Immundo* é um verdadeiro orgão da prostituição nacional. Todos os alcouces do paiz, todos os prostitutos, todas as prostitutas *alli despejam*. Sendo assim, é motivo para perguntar, sempre que apparece na suja gazeta alguma *campanha de moralidade:* que manobra é esta? O que é que elles querem encobrir com esta pouca vergonha? O que terão em vista estes grandes malandros?

Foram as perguntas que nos dirigimos, a nós proprio, logo que vimos a historia do padre Emiliano. Porque, das duas uma: ou o padre era manifestamente estupido, mesmo tolo, ou aquillo era falso. Manha? Cilada? Traição que lhe armavam? Podia ser. Tudo podia ser. Menos que o padre fosse tão asno que andasse *a beijar as doentes* em plena enfermaria.

De facto, pedindo informações para Lisboa, de lá dizem-nos:

«A enfermeira, que é uma tal Luiza da Natividade Testa, e o director da enfermaria, Esteves da Fonseca, não viam o padre com bons olhos. O que existia entre Luiza da Natividade Testa e o medico, não sei eu. Mas é ponto averiguado que o medico passava longas horas no quarto da enfermeira. A fazer o quê?

Comprehende V. muito bem que esta pergunta acudia aos labios das doentes e de toda a gente que na enfermaria tinha conhecimento do facto. Era um falatorio. Era um escandalo. Escandalo que foi aos ouvidos do enfermeiro-mór levando este, parece, a dizer qualquer coisa ao director da enfermaria.

Ora tanto Testa, a enfermeira, como Esteves da Fonseca, o director da enfermaria, attribuiram ao capellão e ás senhoras que distribuem soccorros nos hospitaes aos doentes pobres, o *echo* que teve o caso. Suppozeram, e n'essa parte acertadamente, quero crê-lo, que as doentes contassem ao padre e ás senhoras referidas o que viam e ouviam. E acharam de *conveniencia para os seus interesses* pôr o padre e as senhoras em questão fóra da enfermaria de Santa Izabel.

Deve-se dizer em abono da verdade que *os estudos clinicos*, parece que era d'isso que se tratava, que se realisavam no quarto da enfermeira, passaram a realisar-se n'um quarto da Travessa da Palha, onde havia experiencias de anatomia e reproducções do nú muito ao vivo. Entretanto, ou porque fosse incommodo ir á Travessa da Palha, ou por espirito de vingança, as senhoras que distribuiam esmolas nos hospitaes, e que pertencem a uma associação que tem os seus estatutos legalmente approvados, entrando n'elles todos com pleno assentimento da Administração dos hospitaes, foram intimadas pela senhora Luiza Testa, em nome do director da enfermaria, a não tornar a pôr os pés na enfermaria de Santa Izabel, e como esse recurso não podia ser empregado contra o padre, por ser funccionario do hospital, recorreu-se — é natural — ao expediente que o *Mundo* tornou publico.

Devo dizer-lhe que á parte a má vontade particular ao padre e ás senhoras da *Associação das Viuvas*, pelo motivo que fica mencionado, a senhora Testa e o medico Esteves da Fonseca são livres pensadeiros ferozes, e, como taes, não pódem ver os padres em geral.

Ora eis o que sei. Aproveite-o V., se lhe convier.»

E é quanto basta. Que mais queremos nós se as nossas desconfianças estão confirmadas?

Como os leitores vêem, isto é uma coisa geral. Não é um facto, nem dois, nem tres, nem um cento, a provar a immoralidade, a formidavel immoralidade republicana em Portugal. São milhões d'elles!

E' um motu-continuo. E' um nunca acabar.

Todas as intransigencias, ainda as mais ferozes, se comprehendem, quando lhes assiste a sinceridade. Que os nossos republicanos fossem intransigentemente selvagens, sendo elles honestos e de arreigadas convicções, era mau, porque um dos evangelhos da democracia é a tolerancia e a liberdade. Mas vá. Era uma paixão justificada. Serem, porém, os ultimos dos pulhas, não terem convicções nenhumas, e arvorarem-se n'uns despotas insupportaveis para fulminarem nos adversarios actos muito mais innocentes, ou, pelo menos, eguaes aos que commettem, é que faria, n'outro paiz, levantar de indignação as pedras das calçadas. N'outro paiz essa cambada, peor que as quadrilhas da serra Morena, que os mais terriveis bandidos da Calabria, teria sido corrida a tiro. Em Portugal... tudo se encolhe deante d'elles, desde o rei até ao ultimo vassallo.

Como nos mettem nojo estes covardes!

... Sr. Redactor

N'este originalissimo Paiz está provado até á evidencia, que quem não fôr corrupto e devasso, não faz carreira nem fortuna. Para que o nome de qualquer cidadão seja proclamado aos quatro ventos pelas trombetas da fama, é preciso que elle seja republicano e republicano da classe dos malandros, dos pulhas, dos gatunos, dos canalhas, dos infames, dos malvados e dos assassinos. Quem não fôr republicano d'estas classes, quem tiver vergonha e sentimentos, quem tiver dignidade e patriotismo, está perdido, porque lhe cae em cima um chuveiro de intrigas e calumnias que o arrastam pela lama, sendo-lhe difficil o rehabilitar-se no meio de tanto canalhismo. Entretanto, se formos analysar a forma como tanto intriguista e calumniador conseguiu guindar-se ás culminancias da escala social, só registaremos miserias, podridões, malandrices, intrujices, gatunices, devassidões, vilanias e até crimes de assassinato e de fogo posto. Todavia estes é que são hoje os homens de acção, os homens de destaque na politica portugueza e em cujas mãos estão os destinos da Patria e do Rei.

Que esperanças pode haver de salvação publica? Que esperanças pode haver de regeneração social e de mudança de vida? Que esperanças pode haver de se correr com tanto bandido que nos avilta e degrada, arrastando-nos para o abysmo, se o indifferentismo nacional é espantoso!?

Isto só uma peste ou uma guerra civil é que poderia fazer boa barrela e remover para o monturo tanta podridão.

Mas está escripto que esta sociedade hade perder-se, porque não tem quem a defenda senão com palavras, e palavras leva-as o vento. Não ha quem se levante, não ha quem se congregue, não ha quem se una no sentimento d'uma acção commum, d'um acto heroico; tudo se acobarda, tudo tem medo de morrer, tudo se deixa ficar a vêr em que param as modas. Por isso chegamos a esta situação em que tres homens só: *Teixeira-Alpoim-Affonso* levam de vencida uma Nação inteira, correndo com 6 milhões de habitantes como se fossem 6 milhões de fantoches. E' assombroso! Mas se em Portugal ainda ha verdadeiros portuguezes como eu creio que os ha e em grande numero, onde estão os amigos da Patria? onde estão os amigos do Rei? onde estão os defensores das instituições? onde está o Clero? onde está o Exercito? onde está o Blóco? onde estão os Pares e Deputados Conservadores? onde está a raça dos antigos fidalgos da Casa de D. Affonso IV? Onde estão as Ligas monarchicas e as associações catholicas? Onde estão, finalmente, tantos jornalistas monarchicos e tantos oradores realengos, a quem tantas vezes temos ouvido a palavra inflammada e arrebatadora? Oh! que immensa distancia não vae das palavras ás obras! Tudo quêdo, tudo mudo, tudo occulto, tudo mettido dentro da concha, tal qualmente o kagado, aguardando os acontecimentos com a cabecinha de fóra! Pois, então, esperem e aguardem, até que apanhem com uma bomba pelos queixos. A covardia ha de sahir-lhes cara. Mas que Paiz! Que vergonha! Que juizo farão de nós as nações da Europa que nos estão observando? Nem temos Rei, nem governo, nem lei, nem ordem, nem dignidade, nem Justiça!

Levantae-vos, vós, Homem Christo! Fazei um appello ao Paiz, para que se levante quanto antes, a fim de que os seus homens mais eminentes vão pedir ao Rei, com todo o desassombro, que, ou abdique, deixando a nação livre para escolher o Rei que lhe convem, ou então que dê á nação um governo puramente monarchico, que a governe com justiça e administre com probidade. Um governo serio, honesto e energico, que olhe a valer para os negocios publicos e para as necessidades do Paiz. Um governo que faça cumprir as leis, que castigue os criminosos e que faça entrar dentro da ordem os que andam fora d'ella. Um governo, emfim, que não passe o seu tempo a perseguir funccionarios, a roubar eleições, a espancar eleitores, a servir amigos, a anichar afilhados, a dissolver Côrtes, a adiar Parlamentos, a nomear Pares e a perseguir institutos religiosos, porque estes não são antros secretos

e revolucionarios d'onde saiam regicidas ou fabricantes de bombas de dynamite. Eis, sr. redactor, as razões porque eu, com grande empenho, appello para o seu patriotismo e energia civica, para que no seu intrepido jornal convide os homens dignos para que se congreguem n'este movimento patriotico e heroico.

Heroico, sim, porque n'um Paiz onde se não podem dar vivas a El-Rei, nem desfraldar a bandeira nacional, nem ser monarchico, nem ser catholico, é, realmente, um acto heroico o pedir-se ao Rei um bom governo. Por este caminhar, a sociedade portugueza está perdida se não houver alguem que embargue o passo da sua ruina. Parece que uma voz sahida das profundezas do Inferno gritou aos quatro angulos do Paiz: "Nada de Deus, nada de Egreja, nada de Religião, nada de padres, nada de moral christã, nada de ensino religioso, nada de instituições religiosas, nada de caridade e beneficencia e nada de monarchia. Abaixo tudo isto! Portas trancadas em tudo isto, e em sua substituição, barretes phrygios, cadeiras presidenciaes, centros jacobinos, sociedades secretas, antros anarchistas, escolas laicas, imprensa corruptora, leituras immoraes, photographias obscenas, registo civil, divorcio e, por muito favor, separação da Egreja do Estado, a exemplo do que se tolera em França.„ Eis a voz do liberalismo, apregoada por esses pedantes das ideias modernas, que assim teem educado o povo. Realmente não ha melhor doutrina nem melhores professores para transformarem os homens em monstros.

Levantemo-nos e emitemos o povo hespanhol no seu movimento patriotico, contra a politica faccicsa e sectaria de Canalejas, pois que tambem cá temos o nosso Canalejas, de Alijó.

27—9—910.

Um assignante do Povo de Aveiro.

A questão clerical

Continuamos esperando que algum dos canudos da *libardade* em geral, e da quadrilha republcana em especial, nos diga:

Em que convento, em que casa ou instituto religioso apprendeu a ser bebedo e devasso, a abandonar a familia, a *rapar* dinheiro aos clientes, por todos os processos, o grande orador Alexandre Braga?

Em que convento, em que casa ou instituto religioso apprendeu a ser ladrão, trocatintas, desleal, falso, a ser devasso, o grande parlamentar Affonso Costa?

Qual foi o convento, qual foi a casa de educação que ensinou Derouet a mamar os bezuços ao padre Farinha, o Carlos Trilho a namar os cobres á Santolla Cosida, á Pibrica e á Regina, e o malandro do França Borges a mamar o toucinho e a ronper os lençoes de linho da pobre Margarida das Flores?

Onde bebeu vergonha o Padua Correia?

Onde apprendeu virtude o Arthur Leitão?

Onde se fez homem honrado o Ribas d'Avellar?

Emfim, para encurtar, onde apprenderam moral todos esses grandes bandidos da enorme gaeria do *Povo de Aveiro?*

Nas casas religiosas?

Não.

Então, que superioridade tem sobre a moral religiosa a moral laica?

Os padres são numerosissimos. Incidem sobre elles, vigiando-os, denunciando-os, os mil olhares da *libardade*. Estão sempre promptas, anciosas, mesmo, por revelar os seus escandalos as gazetas *democraticas*. E o que surge? O que apparece á superficie? Com exaggeros e calumnias, é empre preciso contar com isso nas narrações da canalha demagogica, o que se vê? O que se ouve? Pequenos casos. Relativamente, raros casos. E quasi todos elles de scenas amorosas. E' a eterna historia da ama ou da moça do prior.

Na numeroissima classe sacerdotal não se encontra uma duzia de Paduas Correias ou Arthures Leitões. Em trezentos ou quatrocentos dirigentes do partido republcano, ha, pelo menos, duzentos d'esses miseraveis.

Incomparavelmente mais perigosos do que o padre no pulpito são esses prégadores de comícios, esses conferentes de clubs, semeando as doutrinas mais funestas á estabilidade da familia e da patria.

Incomparavelmente mais perigoso do que o padre no confissionario, é o medico no consultorio.

O padre não constitue hoje *nenhum perigo*, no exercicio das suas funcções, para a dignidade do lar. O medico constitue um perigo enorme.

E' falso o dogma da puresa de Maria? Mais falso é o dogma da puresa do Affonso Costa.

E' ridiculo o dogma da infallibilidade do papa? Mais ridiculo é o dogma da infallibilidade do Bombardino Rachado.

Menira! Mentira! Eterna mentira!

Sempre a mentira!

A virtude está na essencia. Não está na formula. Tanta virtude e tanta verdade pode haver na moral laica, como na moral religiosa. E tanta hypocrisia e mentira n'uma como n'outra. Simplesmente, praticamente, demonstrada pelos actos dos apostolos, a moral verdadeiramente abominavel, hoje, em Portugal, a moral dissolvente, a moral terrivel, é a moral laica. Essa é que está produzindo fructos detestaveis.

E voltaremos a este assumpto para arrancar, de todo, a mascara aos hypocritas.

Será certo?

Recebemos esta semana, já tarde, a interessante carta que se segue:

„... Sr. Director do jornal "O Povo de Aveiro„

Lisboa, 25-9-910

Como leitor assiduo do seu muito lido e apreciado jornal, tenho visto os justos ataques que por vezes tem feito ao despotico Dr. Bombarda, inquisidor dos infelizes que vão parar ao hospital de Rilhafolles, e como na semana finda se deu alli um caso que não deve passar sem reparo, tomo a liberdade de me dirigir a V. para que mais uma vez, e pela maneira porque V. o sabe fazer, ponha em evidencia as qualidades moraes d'aquelle despota e mostre o quanto é perniciosa para a humanidade a sua continuação como director, ou mesmo como subalterno, do referido hospital. Eis o caso:

O infeliz Dr. Rodrigo Teixeira dos Reis, suicidou-se por meio de enforcamento no pavilhão de segurança, onde se encontrava ha proximamente um mez, e no jornal *O Seculo* d'hoje vi a noticia de que elle tinha morrido de tuberculose pulmonar. Isto que deixo dito é a expressão sincera da verdade, e se V. quizer dar-se ao incommodo de o mandar averiguar por pessoa que lhe mereça credito, terá a confirmação d'esta asserção.

Ora, como vê, a noticia mandada para o jornal pelo director do hospital ou pelo *virtuoso* fiscal, não sei qual dos dois foi, ou mesmo se foi algum d'elles, é falsa, e com que intuito se encobriu a verdade?...

Bom seria que este e muitos outros casos que alli se dão todos os dias se esclarecessem e que as auctoridades competentes olhassem como deviam para aquelle estabelecimento e pozessem termo ás immunidades de que gosa o besta-fera director, que só se explicam por medo, visto elle ter armado em *redemptor da patria.*

Creia-me, Sr. Director, com a mais subida consideração

De V. etc.

Um assiduo leitor do «Povo de Aveiro.»

Pois será certo? Será possivel?

Vamos averiguar, e no proximo numero diremos o resultado d'essas averiguações.

Mas, se é certo, como parece, o Bombarda tem de passar a chamar-se Miguel Rocambole Augusto de Maluqueira Bombarda.

Que mysterios, que mysterios, os d'aquelle hospital!

Mas, emfim, não antecipemos commentarios. Vamos a ver o que averiguamos e no domingo falaremos.

Danças Borracho

Mas tudo é ignobil, tudo é sujo n'este miseravel. O caracter, a lingua e a prosa.

Já vimos como este pulha appella e não appella para a jurisdicção da camara dos pares. Appela e não appella para a jurisdição militar. Acceita e não acceita a auctoridade militar. E' e não é militar. E' e não é par. Um pulha. Um safado. E um tapado. Porque só uma creatura sem brilho de intelligencia e sem limpeza de caracter é capaz de offerecer um tal espectaculo d'estupidez e d'immoralidade.

Já vimos. Mas não vimos tudo. Vamos hoje vêr mais. Ora reparem:

No intuito de minuciosamente instruir a questão das prerogativas parlamentares, por mim levada á camara dos dignos pares do reino, á qual está ainda affecta, entendi dever formular mais um documento a addir aos nove já publicados, e que, á semelhança dos anteriores, tem naturalmente logar marcado nos Annaes d'aquella casa do parlamento. Ali me proponho inscrevel-o, a seu tempo; e, se lá não tem a primazia no apparecimento a lume, é porque, estando as côrtes encerradas e não permittindo protelações o esclarecimento do assumpto em questão, tive de appellar para a publicidade que lhe dou agora.

Posto isto, apropositado é recordar que o § 28 do artigo 145.º da Carta Constitucional, que primitivamente auctorisára o direito de petição, foi substituido pelo artigo 10º do 2.º acto addicional de 24 de julho de 1885, o qual, na parte applicavel, é de este teor:

Artigo 10.º—Todo o cidadão poderá apresentar por escripto, ao poder legislativo e ao executivo, reclamações, queixas ou petições.

.....

Ao abrigo d'esta ampla disposição constitucional, apresentei nas estações competentes, em 29 de junho derradeiro, o seguinte requerimento.....

Isto é o que elle diz na communicação feita aos jornaes. Quer dizer, elle proprio se esforça por mostrar, sempre, que foi objecto d'uma tremenda illegalidade. Sempre! Elle não quer que haja duvidas a tal respeito. Elle accentua *sempre* que a sua questão está dependente da camara dos pares. Que não se dirigiu ao ministerio da guerra a reclamar, mas á camara dos pares. Que mandou o ministerio da guerra á... fava. Que não seguiu os tramites indicados no *Regulamento disciplinar*. Mas que, afinal, quem resolve a questão é o ministerio da guerra e não a camara dos pares!

Isto é, mandou o ministerio da guerra á... fava. Manda a camara dos pares á... fava. Faz o que quer. Procede como quer. E o ministerio da guerra, e o governo, e a camara dos pares, alli, de joelhos, a attende-lo e a... adora-lo.

E' assombroso!

Elle mandou nove documentos para a camara dos pares. Para quê? Para a camara dos pares julgar da illegalidade praticada. Qual era a illegalidade praticada? O haver o ministerio da guerra sobreposto á auctoridade da camara dos pares a sua auctoridade. Mas elle recorre, por fim, ao ministerio da guerra. O ministerio da guerra attende-o. Resolve a questão, dá a mão é palmatoria. E elle pega n'esse decimo documento e manda-o tambem... para a camara dos pares!

Isto é, elle vexa, como sempre. Elle cospe, como sempre. Elle dá pontapés, como sempre. Elle affirma, como sempre, que só elle, e não Deus, é infinito e incommensuravel!

E' um grande pulha. Mas devemos reconhecer que muito mais pulhas do que elle são os miseraveis que, sem sombra de pudor, vilmente, covardemente, lhe lambem a sola dos sapatos.

Que miseraveis!

"*Posto isto*, diz elle, *apropositado é recordar que o § 28 do artigo 145 da Carta Constitucional, que primitivamente auctorisava o direito de petição, foi substituido pelo artigo 10.º do 2.º acto addicional de 24 de julho de 1885, o qual na parte applicavel é d'este teor*:

Artigo 10.º—Todo o cidadão poderá apresentar por escripto, ao poder legislativo e ao executivo, reclamações, queixas ou petições.

Ao abrigo d'esta ampla disposição constitucional, apresentei nas estações competentes, em 29 de junho derradeiro, o seguinte requerimento.„

Nas estações competentes! E' engraçadissimo, este pulha. Tão incoherente, tão estupido, e tão pulha que chega a ser engraçado.

Agora já a *estação competente* é... o ministerio da guerra!

Mas, grande pulha, se o ministerio da guerra é que é a estação competente, a lei que regula o direito de petição, de queixa ou de reclamação, não é a Carta Constitucional, mas o *Regulamento Disciplinar do Exercito*. A Carta Constitucional estabelece o direito. Affirma o principio. Mas quem o regula é, quanto á tropa, o *Regulamento Disciplinar do Exercito*.

Requereu elle, o miseravel, nos termos preceituados no *Regulamento Disciplinar?* Não. Logo, a illegalidade é manifesta.

Cem vezes manifesta. A illegalidade, a arbitrariedade, a monstruosidade.

Em caso nenhum, como affirmámos no primeiro artigo, a camara dos pares póde ter jurisdicção sobre infracções disciplinares. Ou não haveria exercito. Mas, a admittir-se o contrario, só a camara dos pares, desde que o miseravel não reclamasse nos termos preceituados no *Regulamento Disciplinar*, poderia julgar.

De duas, uma. Ou elle acceitava, ou não acceitava a jurisdicção militar. Se n'este paiz houvesse exercito, o simples caso d'um general pôr a jurisdicção militar, n'um caso militar, abaixo da jurisdicção da camara dos pares, seria motivo para o exercito o correr a pontapés.

Elle honra-se mais, o bandido, com os arminhos de par, do que com os seus galões de general!

Mas, repetimos, das duas, uma. Ou elle acceitava ou não acceitava a jurisdicção militar. Acceitava? Reclamava, requeria, pedia, queixava-se nos termos preceituados no Regulamento? Acatava a decisão do ministerio da guerra. E estava tudo acabado. Mas não acceitava essa jurisdicção? Mas não reclamava a tempo, em harmonia com as disposições regulamentares? Nunca mais se podia, nem devia dirigir, sobre esse caso, ao ministerio da guerra.

Sobre isto não ha sophismas. Isto é claro como agua.

Mas vamos concluir. O que nós queremos accentuar bem não é a illegalidade, não é a arbitrariedade, não é a monstruosidade—e este é o unico nome apropriado — porque isso está na consciencia de todo o mundo, amigos e adversarios. O que nós queremos accentuar é que o miseravel, no meio das suas farroncas, dos seus arrotos, das suas insolencias, é um verdadeiro bandalho. D'outra forma, não daria o espectaculo da incoherencia indigna que ahi fica assignalada.

Não viria comparar o seu caso, dirigindo-se insolentemente ao ministro da guerra, com o caso d'um tenente de marinha que manda desafiar um paizano, embora com a platonica e ridicula equiparação de general de brigada. Pulha e burro, ahi mesmo. Pulha e burro! Pois a graduação de general de brigada, concedida aos governadores civis, é para effeito de simples *honras militares*. Não tem nenhum caracter disciplinar. Pulha e burro! Mas ainda que valesse de mais alguma coisa e para mais alguma coisa a tal graduação de general de brigada concedida aos governadores civis, nem o governador civil era superior hierarchico do tenente de marinha, nem era o chefe do exercito, nem exercia nenhum commando effectivo, nem tinha caracter militar, nem o tenente havia principiado pelas insolencias e affrontas directas com que principiou Borracho.

Isso em primeiro logar.

Em segundo logar, tendo recorrido, bem ou mal, á camara dos pares, por nenhum principio de pundonor iria recorrer depois ao ministerio da guerra.

Em terceiro logar, recorrendo ao ministerio da guerra fa-lo-ia em termos correctos, sem pôr em foco a supposta arbitrariedade do ministro que o castigou e sem lembrar mais uma vez que para elle só havia uma jurisdicção, a da camara dos pares.

Em quarto logar, apanhada a solução satisfactoria do ministerio da guerra, calar-se-hia, porque ainda n'esse momento mostraria, assim, mais algum decoro. Mas não. Ainda veio para publico fazer alarde e fazer constar que juntaria a decisão do ministerio da guerra aos *nove* documentos, já existentes na camara, para, em momento opportuno, levantar a questão.

Um pulha. Um bandalho. Antes de tudo e acima de tudo: um pulha, um bandalho.

O legitimo capitan Fracasse *à la moustache de léopard, à la fraise empesée, au feutre emplumé, le nez au vent, la main sur son effroyable rapière, l'air de vouloir pourfendre tout le monde, mais en realité en encaissant fort bien les insultes et les coups de trique qu'il reçoit chaque jour.*

E aqui estamos nós para o provar. Sem falar no jornalista de *La Dépêche*, deante do qual o Magriço ficou... borrado.

E aqui estamos, dizemos, nós, para o provar. Todos os domingos lhe cuspimos na cara e elle fica-se... a resmungar.

Não temos *qualificação* para nos vir bater. Mas tivemo-la para elle nos *responder*.

Mas tivemos *qualificação* para elle ir pedir conta das nossas palavras ao presidente do conselho e ao ministro da guerra. Mas temo-la para lhe ouvirmos o rosnar canino quasi todos os dias, rosnar d'impotencia e raiva, no *Diz-se* da *Nova Corneta do Diabo*.

O que tu tiveste e o que tens, pulha, foi medo de te fazermos saltar os miolos.

Ignobil capitan Fracasse, filho do *Brisetout* e pae do *Ferragus!*

Subscripção a favor da viuva e filhos do operario José Gomes Pratas, traiçoeiramente assassinado por occasião das eleições de 28 de agosto de 1910.

Redacção da *Correspondencia da Covilhã*	5$000
José da Fonseca Teixeira	5$000
Augusto Pinto da Motta	2$000
Dr. Antonio Morão	3$000
Raphael Morão	10$000
José Gonçalves Jotta	2$000
Dr. Manuel Gascão	5$000
José Mello e Castro	2$000
Dr. Gonçalo Garrett	10$000
Dr. José Garrett	2$000
Dr. Alexandre Garrett	3$000
Francisco Tavares Proença	10$000
Conselheiro Dias Costa	5$000
Conselheiro Alexandre Cabral	5$000
Dr. Joaquim P. Macedo	5$000
Conde de Agueda	5$000
E. Perestrello	5$000
Varias subscripções	43$000
Redacção do *Povo de Aveiro*	5$000
Somma	132$000

Hospitaes de Lisboa

Sr. Homem Christo

Os *gravatinhas*, os *tarados* e os *livres pensadores á Bombarda*, tramam nos bastidores do ministerio do Reino e no alcouce do *Margarido* a mais infame e nojenta campanha, nos fins e nos meios, contra o digno Enfermeiro-Mór dos hospitaes civis, cuja zelosissima administração só não merece encomios áquelles a quem ella cortou rentes as unhas aduncas; só é depreciada e malsinada por aquelles a quem S. Ex.ª fez entrar no caminho da ordem e da moralidade, de onde sempre haviam andado arredados.

A' falta de factos concretos que, ao menos apparentemente, possam justificar accusações, lançam os pulhas anonymos mão de infames e calumniosas insinuações, que se desfazem como espuma de encontro ao caracter austero e acima de todas as suspeições do Sr. Conselheiro Curry Cabral.

Pois se caricatos *catões* até tornam o Enfermeiro responsavel pelo enorme crime de permittir que por uma janella aberta entrasse uma pequena e innocente *osga*, que poz em sobresalto os jovens e histericos operadores do Banco! Ora... cebo!

A exemplar administração do Enfermeiro-Mór, durante nove annos de trabalhos e fadigas, durante os quaes se encheu de desgostos e cabellos brancos, n'um outro paiz—que não fosse paiz de bandidos e insignificantes—ha muito haveria merecido dos poderes publicos um merecido testemunho de consideração e apreço; pela sua dedicação, pelo seu herculeo esforço em levantar os hospitaes a seu cargo á altura dos melhores da Europa.

Essa justiça porem, esse preito de merecida homenagem teem sido prestados por todos os medicos estrangeiros que teem visitado os nossos hospitaes; que tecem os mais rasgados elogios ao zelo e rasgada iniciativa de S. Ex.ª.

Quem lhe escreve, sr. Homem Christo, conhece ha muitos annos os cantos á casa, sabe-lhe os altos e baixos—viu já passar umas poucas de administrações, notando com mais nojo de que surpresa que as mais odiadas e malsinadas foram exactamente as melhores administrações—a do Conselheiro Ferraz de Macedo e a actual! Não mereceu campanha a administração do Conselheiro Amado que, deixando em poucos mezes um *deficit* de cem contos de reis, transformou os hospitaes em bordeis, onde os *sultões* recolhiam em harem de borla as suas favoritas! Mas deve o governo de Hintze Ribeiro a triste lembrança de mandar o Conselheiro Amado pentear macacos e sollicitar do seu amigo Curry Cabral o sacrificio de acceitar o pesado cargo de Enfermeiro Mór, que já antes recusara, e S. Ex.ª acceitando, teve a desgraçadissima lembrança de administrar honradamente acabando com abusos, roubos e escandalos... aqui d'El-Rei contra o Enfermeiro Mór!...

E que malandros... que reles safardanas esses... que tentam abocanhar a reputação do conselheiro Curry Cabral!

Verá, senhor Homem Christo, verá quem elles são!

A pouco e pouco que isto não vae a matar!

28-9-909.

Um empregado antigo dos Hospitaes.

DIABOLO

CHEGOU novo sortido d'este bonito entretenimento com o qual se fazem lindos e apparatosos exercicios.

CASA SENNA.—Salão de jogos
48, Rua Nova do Almada, 52—LISBOA

PROVINCIAS

Loulé, 22-9-810.

Só a chicote! Só a tiro! diz o illustrado redactor do *Povo de Aveiro*, e diz muito bem.

Só a tiro desappareceria a grande canalha que, dia a dia, vae envenenando o povo, mentindo sempre. Ali, na loja do meu vizinho, li no grande "Almocreve das petas„ da rua Formosa, do dia 20 do corrente, uma local em que se atira vilmente ao Bispo do Algarve, que durante a semana finda foi nosso illustre hospede. E assim, traiçoeiramente, diz o biltre que anda atraz do Bispo uma força de infanteria 4 e a respectiva banda de musica, para guardar as costas ao Bispo fanatico e politiqueiro, que anda em digressão politico-reaccionario pela diocese!

Grande malandro! Explendido pulha! Pois já o Bispo pediu força militar e musica? O Bispo, segundo me informou o meu vizinho Prior, anda pela diocese no cumprimento de um dever; anda em visita pastoral, seu bruto, não fazendo politica, mas ensinando e prégando o Evangelho.

No dia 11 do corrente fui ouvil-o e confesso que fiquei maravilhado. E' um bom prégador, um eximio mestre e um Pae affavel.

Dirigiu-se ás creancinhas, ordenando-lhes a obediencia e respeito a Deus e aos paes, mostrando-lhes as bases da nossa santa Religião, que é toda de amor, paz e perdão.

Ao Evangelho da festa prégou novamente. E que primor d'oração sacra! Comparando as dôres soffridas por Jesus e por sua Mãe junto á cruz. A' noite fallou do amor de Jesus para com os homens; da sua explendida doutrina, dos seus ensinamentos, dos seus milagres e do perdão concedido aos ingratos e infelizes!

E' este o Bispo reaccionario e politico a que o grande camaleão se refere? Que culpa terá o Bispo que o administrador do concelho requisite força militar para apresentação de cumprimentos á chegada e retirada do Bispo a qualquer villa ou cidade?

O Bispo não necessita de guarda-costas, porque, cumprindo o seu dever, tem a certeza que ninguem o offende e nem precisa da força militar e de musica, porque não é *frigideira*.

Para elle tudo *aquillo* é de mais. O Bispo é um apostolo, não é um reaccionario e muito menos um politico-fanatico. Não lhe ouvi uma unica palavra ácerca de politica ou que mostrasse o seu fanatismo.

Politicos fanaticos são aquelles que sem escrupulos pregam a *libardade* para si e para os outros garrote.

Biltres reaccionarios são os que, *sem votação*, mandaram vir tropa para esta terra e sem consciencia prenderam sobrinhos e servindo-se da força militar e da policia fizeram *chapelada* de commum accordo com republicanos!

A força militar requisitada pela auctoridade para apresentar cumprimentos a um Bispo que tem honras de general de divisão não commette nenhum crime:—posta, porem, ás ordens do administrador do concelho, de quem só recebia ordens nas ultimas eleições, para prender presidentes de mesas e para correr com os eleitores do logar da assembleia com o fim de se fazer chapelada á porta fechada, é o mais repugnante,

nojento e nefando crime que pode praticar-se. Para *isto* é que o exercito não devia servir nem a tal se devia prestar.

Mas os homens das libardades sómente se offendem porque a força militar anda atraz do Bisqo, que a não requisitou, e não berram contra as auctoridades que se serviram das forças militares para effectuarem prisões de sobrinhos e para escandalosamente acutilarem o povo e roubarem votações.

Fóra pulhas! Fóra malandros! Abaixo a mentira e a calumnia.

Thalassa III.

—†—

Oleiros, 27-9-910

Foi aposentado com todos os vencimentos, o secretario da administração d'este concelho, David Matheus Pinheiro.

Só com um governo presidido pelo soba d'Alijó e tendo á frente do districto o *artilheiro* se podia commetter um attentado d'esta natureza.

Em dezembro ultimo, foi superiormente ordenada uma syndicancia aos actos d'este funccionario, syndicancia que deu entrada no Governo Civil, e que, segundo nos consta, d'alli desappareceu evidentemente com o fim de não ser castigado, como devia, este *honesto funccionario* que bem pode empareceirar com o Pechuga e Petiz das Gravatas. Este cavalheiro foi aposentado para, segundo se diz, dar logar ao filho, que apenas tem exame de instrucção primaria. Por informações que reputamos fidedignas o nomeado será este *menino*, embora entre os concorrentes haja algum com mais habilitações.

Se assim é, desnecessario se torna abrir concurso, bastando o sr. administrador propôr o afilhado, que o Ornellas faz tudo ... menos bater-se em duello com o sr. Tavares Proença.

O sr. ministro do Reino e Governador civil, não podiam deixar de patrocinar a causa d'este *grilheta*, que, junto com outros, n'um cellebre jantar beberam á memoria do *heroico Buissa*, o infame assassino de El-rei D. Carlos.

"Isto dá vontade de morrer„. Ainda nas ultimas eleições, empregados honestos e cumpridores dos seus deveres, foram intimados a comparecer na administração do concelho, para, em nome do mesmo Ornellas, lhe ser pedido o voto a favor do governo buissidente-republico-teixeirista.

E' inacreditavel!...

E' triste sr. redactor, mas é forçoso dizel-o. Hoje, em Portugal, para se poder viver, no meio d'esta *mixordia*, é preciso ser assassino, funccionario sem escrupulos ou dynamitista. Os homens da ordem, os monarchicos sinceros, são apodados de *jazuitas* e reaccionarios. Bemdita reacção se ella poder evitar que a nossa infeliz patria se afunde n'este mar de lama.

C.

—†—

Lagos

(Continuação)

Olhe que temos n'este canto do Algarve uma intelligencia nada conhecida e que se descobriria no parlamento discutindo o banco ultramarino, a companhia dos assucares de Moçambique, a repartição de fazenda d'Alijó, o Pimentel Pinto do credito predial, etc., etc., e um discurso pronunciado no parlamento como o que foi pronunciado da sua janella quando prometteu a volta do regimento, devia ser d'um effeito esmagador.

E' minha opinião que s. ex.ª rivalisa com o Alpoim em arrebatamento. Rivalisa em tudo, afinal. Mas os sujeitinhos a quem digo isto manifestam claramente a sua má vontade contra a pobre creatura. Tambem não sei porquê; e'le é tão bomsinho! Ha, dizem elles, quem attribua a desorientação do pobre Major General a certas influencias buisso-trasmontanas, mas eu não acredito porque tomaram esses buissas influentes bastante miolo para si, quanto mais para os outros.

No dia 31 do proximo passado, á noite, depois de ter dado entrada solemne na cidade o nosso querido e sympathico Major General, de regresso de Faro, aonde foi buscar a victoria governamental! houve foguetada e mais foguetada, vivas e mais vivas, manifestações estas feitas pelos teixeiristas de mistura com republicanos de... pé descalço, porque o são em sentimentos.

Mais tarde e fóra d'horas foram dados vivas é morras que a seu tempo se contará. Tudo isto foi consentido pelo *major dos cavallos e almorroidas*. Quasi ia apostar em como o *almorroidas* bateu o fado n'essa noite!... Sempre desejava saber porque se apressaram tanto estes *estadistas* em atirar foguetes!! A canalha corria as ruas da cidade dando morras a toda a gente de bem e que estava socegada nas suas casas. Não contentes com isto queimavam com foguetes as portas d'alguns adversarios e mettiam-os tambem pelas janellas dentro, quebrando os vidros. O major dos cavallos *e mais companhia* por certo gostou da funcção, mas como no outro dia alguem de bem entrou pela administração a dizer que estava disposto a fazer justiça pelas suas mãos, então mudou d'opinião fingindo-se muito indignado com a canalha dos foguetes!

Pois o major dos cavallos se está indignado *desindigne-se* e proceda. Sabe muito bem quem os atirou. Tem alguem no grupo, que percebe de tudo, que o póde illucidar... Não é encyclopedia de sardinhas, mas... Oxalá não haja algum caso para lastimar com a repetição de taes mariolices. Parece-me ser desnecessario dizer-lhes que andou com a malandragem aquelle que tem por habito, aqui em Lagos, entrar em tudo quanto seja pouca vergonha! Não preciso dizer-lhes porque calculam quem seja! Um mariolão que acaba triste, segundo as noticias que tenho.

O espanta mortos (á ultima hora republicano-teixeirista) tem sido um tambor n'uma festa dos correligionarios, que o suppunham republicano convicto e intransigente. Enganaram-se com esse pobre diabo, que, afinal, não passa d'um bandalho vulgur de Linéu. Os republicanos, os que lhe teem chegado a roupa ao pello e que se suppunha serem menos intransigentes, são finalmente os mais sensatos. Honra lhes seja! Assim seguissem outra linha de conducta. Dizem que o espanta mortos se fez teixeirista com o cheiro na eleição da camara. Não sei. O que sei é que é vergonhoso que esteja á frente do municipio d'uma cidade tão *grande notabilidade*. Quem diria! Um idiota que não tem feito senão asneiras! Vae aprendendo a fazer a escripturaçãosinha da fabrica, que andas com sorte, meu parvo! E agora por fallar em fabrica: Não seria conveniente chamar a attenção do monsieur de Belligny para o signal que costuma pôr na fabrica quando ha peixe? O monsieur que é tão fino, como dizem, costuma fazer este signal com a bandeira nacional portugueza!! Será finura tal procedimento, que assim magôa os que são portuguezes de coração? Se é, aconselho as fabricas portaguezas a fazerem os signaes com a bandeira franceza e estas com mais razão porque estão na sua casa.

Como a anctoridade só pensa nos recados que ha de distribuir aos policias... e nos cavallos do *vocencia* (que n'algum tempo lhe chamava *major cavallo*), é possivel que não se possa preoccupar com esta *ninharia* da bandeira. Consta que o *vocencia* tem dado uma grande sorte com a ultima correspondencia e que quando se falla no assumpto até espeta a pera de fórma a metter medo! Ora *doitor* não sejas maluco, não te chamaram nada! Confessa que és imbecil.

Vou terminar esta e talvez mesmo não volte cedo por ausencia da minha pessôa, se bem que eu, ha muito, estou disposto a pôr a redea em cima da canalha, pois a quem attribuo todo este desarranjo é aos governos, que são os primeiros a fazer a desordem. E talvez o nosso Major General me obrigue a voltar caso haja a certeza do que se diz á bocca fechada e que eu, por ora, não acredito; faço-lhe essa justiça.

C.

O POVO DE AVEIRO

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Raphael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento 102 a 104; Rozendo R. Gonçalves (Tabacaria Gonçalves), Rua de Santo Amaro 1 a 5; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza dos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47; Manuel Loureiro do Prado, Rua do Possollo, 27; Tabacaria Machado, Palacio Foz, Praça dos Restauradores, 31 K; Domingos Silva, kiosque do Largo do Intendente; Antonio Maria da Silva, largo de S. Domingos, junto ao Quartel General.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa. 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Espinho — Kiosque Reis; **Vizeu** — Kiosques do Rocio; **Chaves** — Annibal de Barros. **Villa Real** — Kiosque Trindade, **Alvorninha** — Paulino da Silva Mendes. **Estorii** — Alfredo Pinto, Buffete da Estação. **Villa Franca de Xira**—Tabacaria Marciano Mendonça. **Seixal** — Profirio Ferreira. **Mangualde** — Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem** — Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul** — José Augusto d'Almeida. **Fáro** — Francisco Matheus Fernandes. **Evora** — Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes**—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Cortegana**, Alemquer — João dos Santos Pereira. **Paderne**, (Algarve)—Antonio Anacleto d'Oliveira.

Torres Novas — João Rodrigues Sentieiro. **Amareleja** — **Moura** — Manuel Frade. **Castello Branco** — Vende-se pelas ruas. **Monte-mór-o-Novo** — Fortunato Reinata. **Tondella** — Mario do Carmo. **Pedrogam Grande** — Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova** — Christiano Pereira Barata. **Ançã** — José da Costa Neves. **Braga** — Manuel Gonçalves Vaz, Kiosque Gonçalves. **Taboa** — Francisco da Costa Carvalho. **Monsão** — João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David. **Pinhel** — Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres.

Vianna do Castello — No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego** — Joaquim Valente. **Elvas** — Luiz Samuel da Silva. **Agueda** — Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã** — João Pereira Saraiva. **Santa Cruz da Graciosa**—Antonio Ernesto Esteves. **Fundão** — Belarmino Barata **Guarda** — José da Silva. **Arganil** — José Baptista de Carvalho.

Cadaval—Antonio Lopes Leal. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Alcochete**—Joaquim Valentim. **Santarem** — Vende-se nas ruas. **Coja** *(Arganil)* — Antonio das Neves Pimenta. **Castello de Vide** — Antonio Lourenço Beliz. **Villa Viçosa** — Luiz Fillippe d'Abreu. **Vianna do Alemtejo** — Joaquim Antonio Carvalho.

Louzã — Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Coimbra** — Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. **Oliveira do Hospital**—José de Mello Alves Brandão. **Alcobaça**—Antonio Vazão. **Gouvela** — Manuel A. Manta, Rua Braamcamp. **Leiria** — Jayme Monteiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho, Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade (*o Varino*). **Setubal** — Manuel Tavares. **Arronches** — Miguel Maria. **Certã** — Luiz da Silva Dias. **Santo Amaro (Oeiras)** —Francisco Mórem. **Mirandella** — Annibal Cunha.

Bragança—Manuel Benito. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa, Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira** — Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis** — Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro. **Nellas** — Agostinho da Costa Campos. **Alemquer** — João Matheus da Silva Brito, Rua Direita. **Fáfe** — Almeida Guimarães & Alves. **Cabanas**—Julio Requixa. **Ponta Delgada**—**S. Miguel**—Café Tavares. **Guimarães**—Antonio Lopes Martins. **Esmoriz**—Paulino Rodrigues d'Almeida. **Olhão**—Antonio de Souza Gouveia. **Villa do Espinhal** — Augusto Duarte Bento. **Molta do Ribatejo** — Victorino Soeiro.

Povoa de Varzim — Marques & Carneiro. **Ilhavo** — Estabelecimento de Bernardo Razoilo. **Mira** — João Simões Marques da Cruz. **Estoy** *(Algarve)* — Fernando Martins Corial. **Ponte do Lima** — João dos Reis Sequeiro.

Nas Caldas da Rainha:
Tabacaria de José da Silva Dias.

BRAZIL

Rio de Janeiro — Livraria Schettino — Rua do Ouvidor, 18; — Rua 1.º de Março (esquina da rua do Ouvidor) ponto dos Jornaes; Braz Lauria —Rua do Ouvidor, 181; A. Moura — Rua da Quitanda, 114; Gare da Estrada de Ferro Central.

Manaus — Agencia Freitas.

Santos — José de Paiva Magalhães, rua de Santo Antonio, 84, 86.

Pará — Agencia Martins, T. Campos Salles, 15.

Coimbra—Livraria F. França & Armenio Azevedo.
Aveiro—Redacção do *Povo de Aveiro.*

ASSIGNATURAS

França: Anno—Serie de 12 numeros, 24 francos. Semestre, serie de 6 numeros, 12,50 francos.
Extrangeiro: Anno — Serie de 12 numeros, 25 francos. Semestre, serie de 6 numeros, 13 francos.

"Cosmopolia„

Revista mensal illustrada de litteratura internacional.

Redactor em chefe:

HOMEM CHRISTO, FILHO

Escriptorios da Redacção e Administração, da secção editora em todas as linguas, da organisação de traducções, salões de exposição e conferencias, gabinete de leitura contendo alguns milhares de volumes das litteraturas italiana, hespanhola, brazileira, portugueza, ingleza, turca, persa, allemã, hollandeza, japoneza, russa e revistas e jornaes de todo o mundo.

Faubourg Poissonière, 111 — Paris

Com o concurso e collaboração effectiva dos mais eminentes escriptores e artistas da Europa e America, começará a publicar-se proximamente, a revista **Cosmopolia,** que tem por fim tornar conhecidas e apreciadas em França as litteraturas extrangeiras, para o que consagrará cada numero a um determinado paiz do mundo, contribuindo tambem para o desenvolvimento da moderna litteratura franceza, facultando as suas columnas a todos aquelles que, ainda novos e ignorados do grande publico, se imponham, no emtanto, por um verdadeiro e solido talento litterario.

O 1.º numero de **Cosmopolia** será, pois, publicado muito brevemente, logo que o sr. Homem Christo, Filho, que está no Brazil, d'onde seguirá para a Argentina, Chili, Uruguay e Paraguay, a fazer a propaganda da nova revista, regresse a Paris. Dadas as proporções colossaes que teem attingido os pedidos do 1.º numero, enviados de toda a parte, a Administração de **Cosmopolia** vê-se forçada, para regular a tiragem, a inscrever desde já os nomes d'aquelles que desejarem obtel-a.

Locaes de inscripção:

Em Paris: Faubourg Poissonière, 111.
Em Portugal: *Lisboa*—Tabacaria Monaco, Praça de D. Pedro.
Porto—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro.

AGUA DA CURÍA

Semelhante á de Contrexéville

Estimula a acção dos rins que são os filtros do corpo humano.

Experimentae a
AGUA DA CURÍA

Representante e depositario em Lisboa:
Humberto Bottino
Praça dos Restauradores, 31-H
TELEPHONE: 3035

Grande deposito

De moveis de ferro e colchoaria

Artigos de folha e zinco.

José A. de C. Godinho
54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA
TELEPHONE — 2652

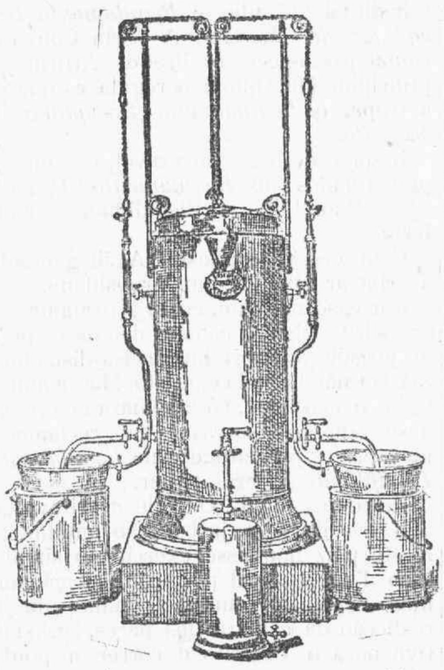
Aguas CASTELLO DE MOURA

Explendidas e incomparaveis aguas de meza, com optimos resultados nas doenças da bexiga, rins, estomago, etc.

Deposito no norte do paiz:
26, Rua Mousinho da Silveira, 28
PORTO

A. Anselmo & C.ª

20, LARGO DE S. DOMINGOS, 2
LISBOA



Canalisações para agua, gaz e acetylene, Gazometros para acetylene em chapa de ferro chumbada, com um e dois geradores, os mais praticos, solidos e economicos

Absoluta segurança e simplicidade no funccionamento. O mais perfeito purificador até hoje conhecido. Accumulador interior. Carboneto dividido em secções. Gazometros para bordo. Montagens garantidas e economicas.

Pedir preços e condições a

A. ANSELMO & C.ª

LARGO DE S. DOMINGOS, 20
LISBOA

Typographia a vapor DO Povo de Aveiro

N'esta typographia, montada com material extrangeiro, de primeira ordem, das casas Bauer, Schelter, Berthol, Klinkardt, Ingenfrost, Dietz & Listing, Albert & C.ª, Turlot, se fazem todos os trabalhos typographicos, como livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de visita, bilhetes de estabelecimentos, memorandums, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a Francisco Manuel Homem Christo, proprietario e director do *Povo de Aveiro.*

PEÇAM CIMENTO IMPERIAL
CIMENTO PORTLAND SUPERIOR IMPERIAL
Hoje o melhor insistir n'esta marca
VENDE-SE EM TODO O PAIZ

AGENCIAS DE ANNUNCIOS — DO — POVO DE AVEIRO

Lisboa
L. de S. Domingos 20
JUNTO Á CALÇADA DO GARCIA

Porto
P. de D. Pedro, 9 e 10
TABACARIA TEIXEIRA

Bebam as Aguas Medicinaes DO CASTELLO DE MOURA

Os que soffram de HERNIAS (QUEBRADURAS) e as senhoras que tambem soffram de dilatação do ventre, descida e queda do utero, rim movel, eventrações, obesidade, etc., não devem deixar de ler o folheto illustrado, com mais de 80 gravuras, A HERNIA E A VERDADE SOBRE A SUA CONTENÇÃO, que se envia **GRATIS** a quem o requisitar ao orthopedico M. MARTINS.

170, RUA DA MAGDALENA, 172
Em frente da Rua de Santa Justa — LISBOA

Polpa Melaçada

E' hoje o alimento, por excellencia, preconisado para alimento dos cavallos, vaccas, porcos, ovelhas, etc., etc.

Unico importador para Portugal, Colonias e Brazil
Antonio Rosado Caeiro = Rua Augusta 240, 1.º - LISBOA

Vendas por grosso e retalho:
Rua do Amparo, 1 — Rua Nova do Almada, 98
Calçada do Marquez de Abrantes, 64

ACCEITAM-SE AGENTES EM TODAS AS TERRAS DE PROVINCIA

Artigos graphicos

Os melhores, os mais baratos, os mais resistentes, são os da casa PEDRO, MIRANDA & C.ª SUC.res, Representante da Casa **J. G. Schelter e Guiescke** incontestavelmente a melhor fundição do mundo!

Material branco, **estrangeiro,** sempre em deposito, ao preço do nacional.

Pede-se a todos os srs. industriaes que não fechem as suas transacções sem consultarem os nossos preços.

Pedidos a

PEDRO, MIRANDA & C.ª Suc.res
Rua da Picaria, 59—PORTO
Telegrammas «ADNARIM» **Porto.**

RECOMMENDA-SE O
PAPEL PARA CIGARROS
ESTRELLA
ALCATRÃO ESPECIAL

A VENDA EM TODA A PARTE
CADA LIVRO 10 RS
J. WIMMER & C.º
LISBOA

O antigo 606
Tisana depurativo ASSIS

Segundo o processo de Faro

Todo o Portugal, Africa e Brazil, ha 40 annos, conhecem os effeitos garantidos contra a syphilis, d'esta maravilhosa preparação.

Deposito geral
ASSIS & COMMANDITA
Rua dos Douradores, 32, 1.º — LISBOA

No Porto:
SANTOS & SANTOS — Rua das Flôres, 36

FRASCO	6 FRASCOS
1$000 réis	5$400 réis

HOTEL UNIVERSAL

Proprietarios:
RAMIRES & C.ª
— Praça da Batalha — PORTO —

Hotel de primeira ordem installado no melhor sitio da cidade, com explendida sala de jantar, installações electricas, caixa de correio e explendidas casas de banho.

Preços diarios, a começar em 1$200 réis

Empreza Cinematographica IDEAL

Manufactura Portugueza de Pellicula

Salão e Escriptorio
Rua do Loreto, 15 e 17
LISBOA

Atelier de pose e officinas
Cerca do Colleginho, 7
LISBOA

Endereço telegraphico: IDEALÃO

SUCCURSAES: No Porto Paris, Berlim, Londres, Vienna d'Austria Madrid, e em todos os Estados do Brazil

Fornecimentos completos para animatographos, aluguer e venda de fitas completamente novas em Portugal. Projecções com luz electrica ou luz artificial em theatros, qualquer casa, ou de espectaculos, clubs, escolas e casas particulares, para o que tem pessoal habilitado.

Contractos especiaes para a Africa e Brazil

A Empreza Cinematographica Ideal é a unica que, devido ás suas bellas installações de POSE, pode apresentar assumptos genuinamente portuguezes, desempenhados pelos nossos principaes artistas e quadros panoramicos representando os melhores pontos e os mais bellos costumes de Portugal.

Mediante contracto especial Empreza tambem se encarrega da tiragem de qualquer fita de reclamo a estabelecimentos, fabricas, officinas, etc.

FARINHA LACTEA NESTLÉ
Alimento completo para crianças e pessoas edosas.

Tinta de copiar a secco

Sem molhar o papel e conservando os copiadores como novos. Economia de tempo e trabalho. Excellente resultado na pratica. Ultima novidade. Descontos aos revendedores.

Depositogeral:
Rua de S. Paulo, 9, 1.º — LISBOA
TELEPHONE: 2378
Rua de Santa Catharina, 32, 1. — PORTO